

## A CATEGORIA DE PESSOA NO TEXTO JORNALÍSTICO: UMA ANÁLISE DA SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM

**Keila de Quadros Schermack**  
Universidade de Passo Fundo/UPF  
keila.quadros@terra.com.br  
Mestrado em Letras

**RESUMO:** Este estudo aborda a notícia jornalística, com o objetivo de identificar as estratégias enunciativas presentes na produção do gênero notícia, ocasionados pelo uso da categoria de pessoa, bem como refletir sobre as implicações dos efeitos de sentido produzidos na situação discursiva desse texto jornalístico. O marco teórico toma como base a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste (1958/1966/1995, 1970/1989), complementado com apoio em Bakhtin (2003), Flores (2009) e Marcuschi (2003). A pesquisa é descritiva, com procedimento bibliográfico, numa abordagem qualitativa; para realizar a análise do *corpus* utilizamos o modelo epistemológico do paradigma indiciário (GINZBURG, 1986), através da identificação de pistas linguísticas que remetem às pessoas do discurso. A notícia jornalística possui uma materialidade discursiva, que produz determinados efeitos de sentido. Analisar estes sentidos significa reconhecer a ausência de neutralidade no discurso noticioso, pois sempre que o locutor se apropria da língua, torna-se sujeito da enunciação.

**PALAVRAS-CHAVE:** enunciação; categoria de pessoa; subjetividade; intersubjetividade; gênero notícia.

### INTRODUÇÃO

Nesse trabalho, buscamos construir algumas reflexões sobre as marcas enunciativas observadas no gênero notícia, intitulado “*Professores também são alvo de bullying*”, publicado no Jornal Zero Hora em 14 de maio de 2010, veículo de circulação nacional e de periodicidade diária. Dessa forma, o enfoque desta pesquisa centrou-se no estudo da notícia (gênero textual) e na categoria de pessoa, com o objetivo principal de evidenciar a manifestação discursiva dessa categoria, no gênero em questão.

Entendemos a linguagem como uma condição da existência do homem, ou seja, ela é constitutiva de todo o falante na medida em que a intersubjetividade lhe é inerente, pois é somente através da linguagem que o homem se constitui como sujeito da enunciação.

A escolha da temática deve-se ao fato de que, como professores de língua materna, devemos conhecer essa noção de pessoa no discurso, bem como o seu uso nas notícias jornalísticas. Os estudos da Teoria da Enunciação de Benveniste contribuem significativamente não só para a linguística contemporânea, mas também para a análise dos efeitos de sentido produzidos pelo uso dos pronomes pessoais (*eu/tu*). Além disso, conhecer o emprego dessa categoria é extremamente importante para o professor de línguas, uma vez que podem ajudá-lo a identificar, juntamente com seus alunos, as manifestações de determinada categoria como um recurso de escrita.

O despertar para a temática *a categoria de pessoa no texto jornalístico: uma análise da subjetividade na linguagem*, fundamenta-se no princípio de identificação dessa categoria de pessoa no gênero textual em questão. Nesse contexto, deixaremos evidentes

as manifestações do sujeito, a sua inter-relação com o alocutário e a presença da terceira pessoa (*ele*). Tendo em vista a marca de pessoalidade no gênero notícia, torna-se fundamental o estabelecimento das seguintes questões norteadoras: De que maneira podemos evidenciar a presença da categoria de pessoa na notícia jornalística? O texto jornalístico (notícia) revela predominantemente a objetividade no discurso?

Este trabalho estará distribuído da seguinte maneira: na primeira seção, abordaremos *a categoria de pessoa e não-pessoa na perspectiva de Benveniste (1958)*. Após, *caracterizaremos a notícia como um gênero do discurso*, no sentido desenvolvido pelas ideias de Bakhtin (2003). Na seção seguinte, explicitaremos a *metodologia* da pesquisa, a qual norteou a análise. Posteriormente, realizaremos a *análise enunciativa da notícia*. Finalizaremos com os *resultados e discussões*, as *considerações finais* e as *referências*.

## 1. A CATEGORIA DE PESSOA E NÃO- PESSOA EM BENVENISTE

Em seu artigo intitulado “a natureza dos pronomes”, Benveniste (1966/1995b) nos remete à seguinte ideia: o problema dos pronomes gira em torno da língua e da linguagem, e ambas constituem uma classe unitária, pois formam espécies diferentes de acordo com a linguagem e signo linguístico dos quais pertence. “Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são características daquilo a que chamaremos as instâncias de discurso” (BENVENISTE, 1995a, p. 277), ou seja, o lugar onde o sujeito e a linguagem se ligam.

A definição comum dos pronomes pessoais *eu*, *tu*, *ele*, nos dirige à noção de pessoa. Entre a primeira pessoa e um nome referente a uma noção lexical, não há apenas diferenças estruturais, e sim outras que fazem parte do processo da enunciação linguística que ultrapassa a “forma”, levando em consideração a significação no e do discurso.

A função dos pronomes está estritamente relacionada à comunicação intersubjetiva, isto é, “a inter - relação constitutiva da enunciação que pressupõe o *eu* e o *tu* mutuamente implicados” (FLORES, 2009, p. 146). “É identificando-se como pessoa única pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como “sujeito”. Assim, o emprego tem como condição a situação de discurso e nenhuma outra” (BENVENISTE, 1995b, p. 280-281).

A terceira pessoa representa o pronome não marcado na correlação de pessoa. São inteiramente diferentes da primeira e da segunda pessoa, tanto pela função quanto pela natureza. A “não pessoa” nunca remete a ela mesma durante o discurso, e sim, faz parte de um processo de “não importa o que” ou “não importa quem”, exceto o próprio discurso. Assim, o *ele* tem função apenas de “substituto abreviativo”, ou seja, são empregados substituindo um enunciado ou parte dele. Por isso, não há nada de comum entre a terceira

pessoa e os indicadores de pessoa. O *ele* pode representar uma infinidade de sujeitos ou nenhum, pois encontra-se submetido à enunciação. Já a primeira e a segunda pessoa são sempre únicas e podem inverter-se de acordo com a situação enunciativa (tomada da palavra).

Benveniste (1995b) atribuiu duas características à categoria de pessoa: a unicidade e a reversibilidade. Na primeira, *eu* e *tu* se renovam a cada situação enunciativa, ou seja, são sempre únicos. A segunda aponta também para o fato de que a situação enunciativa é sempre nova. Por exemplo: Se *tu* toma a palavra, já não é mais *tu*, e sim, *eu*. Isso significa que cada vez que uma pessoa do discurso enuncia a relação é refeita e já não é mais a mesma.

Quando falamos no *eu* instauramos a noção de subjetividade, mesmo que o foco de estudo da enunciação não seja o *sujeito*. Esse caráter subjetivo, segundo Benveniste (1995a, p. 286), “é a capacidade do locutor para se propor como sujeito”. Essa capacidade manifesta-se através do ato individual do exercício da língua. Por meio dessa compreensão de que o sujeito que enuncia é sempre único, infere-se que a enunciação também o é. O ato enunciativo cria a noção de pessoa que se renova a cada ato comunicativo.

A importância atribuída ao sujeito reside na condição de existência do homem enquanto *ser* capaz de produzir linguagem, por isso, em *A linguagem e a experiência humana*, Benveniste (1965/1989) argumenta que desvincular o homem da linguagem é desconsiderar uma faculdade inerente a sua própria natureza, sendo que a intersubjetividade é condição para que haja a enunciação.

Nas palavras de Benveniste (1989, p. 68-69),

[...] Assim, em toda a língua e a todo momento, aquele que fala se apropria desse *eu*, este *eu* que, no inventário das formas da língua, não é senão um dado lexical semelhante a qualquer outro, mas que, posto em ação no discurso, aí introduz a presença da pessoa sem a qual nenhuma linguagem é possível. Desde que o pronome *eu* aparece num enunciado, evocando explicitamente ou não- o pronome *tu* para se opor conjuntamente a *ele* uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento lingüístico que a funda.

Os pronomes existentes nas gramáticas estão constantemente disponíveis. Quando alguém os escolhe, este os assume em seu discurso pronunciando-os. Nesse momento, o pronome “eu” se transforma em um elemento de designação particular e produz a cada vez uma nova pessoa. Essa é a experiência humana, a partir da qual se determina a possibilidade de discurso, pois seria impossível se a cada experiência nova tivéssemos de criar uma expressão distinta para uma determinada pessoa.

A seguir, apresentaremos a notícia jornalística, como um gênero discursivo, na perspectiva bakhtiniana.

## 2. A NOTÍCIA JORNALÍSTICA COMO GÊNERO DO DISCURSO

Na discussão abordada nesta seção, caracterizamos a notícia jornalística como um gênero, no sentido desenvolvido pelas ideias de Bakhtin (2003, p. 262): “Cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*”. Os gêneros estão presentes em cada espaço de troca comunicativa, ou seja, em determinadas esferas de atividade humana. Além disso, os gêneros possuem uma forma de composição, distinguindo-se pelo conteúdo temático e pelo estilo, contribuindo para a organização das atividades comunicativas do cotidiano. Possibilitam ações sociais, manifestam pontos de vista, carregando dentro de sua estrutura semântica diversos enunciados.

Koch (2008, p. 107), ao caracterizar o gênero na perspectiva bakhtiniana, afirma: “trata-se de entidades escolhidas, tendo em vista as esferas de necessidade temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou a intenção do locutor, sujeito responsável por enunciados, unidades reais e concretas da comunicação verbal”. Assim, todo o gênero do discurso é marcado por sua esfera de atuação que promove modos específicos de combinar o conteúdo temático (o assunto de que o enunciado trata), o propósito comunicativo, o estilo (estruturas gramaticais) e a composição (elementos das estruturas discursivas/semióticas que organizam um texto de acordo com determinado gênero).

A linguagem para Bakhtin (2003) é um fato social e deve ser pensada na sua relação com as diferentes esferas da atividade humana. Assim, o falante, ao fazer uso da linguagem, utiliza os gêneros do discurso que, por sua vez, são fenômenos sociais e não se baseiam em pretextos individuais, e sim, fazem parte da coletividade, num determinado tempo e espaço.

Situados num momento sócio-histórico, os gêneros textuais são fundamentais no processo de comunicação social, pois refletem as atividades comunicativas humanas num determinado tempo. São eventos linguísticos, mas não se definem por características linguísticas, pois caracterizam-se enquanto atividades sóciodiscursivas. Nas palavras de Marcuschi (2003, p. 29), “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”. Nesse contexto, podemos enquadrar o gênero notícia por sua particularidade de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais que refletem fatos vinculados à realidade.

Desse modo, afirmamos que notícia jornalística possui elevado grau de alcance e significação na sociedade. Por meio deste gênero textual, os fatos sociais são narrados e

tornam – se públicos, o que faz com que o enunciatário encontre marcas enunciativas importantes no seu interior no processo de criação do efeito de veracidade. Ao contrário do que apregoam especialistas da área da Comunicação, o discurso notícia não revela apenas objetividade, mas efeitos de sentido de objetividade, o que implica vislumbrar-se também o efeito de subjetividade, obtido, entre outros recursos, pelo uso de marcas da categoria de pessoa no processo discursivo.

### 3. METODOLOGIA

Esta pesquisa é descritiva, com procedimento bibliográfico, numa abordagem qualitativa. Nas palavras de Prodanov e Freitas (2009, p. 63), “nas pesquisas descritivas, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles, ou seja, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador”. Além disso, para a análise do *corpus*, utilizamos pressupostos do paradigma indiciário (GINZBURG, 1986) que surgiu no âmbito das ciências humanas no século XIX, destacando – se atualmente em muitas pesquisas qualitativas. O paradigma indiciário é um *saber* caracterizado por realizar uma descrição complexa da realidade, tendo como ponto de partida dados aparentemente irrelevantes e cientificamente não experimentáveis. Conforme Ginzburg (1986), “o que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente” (GINZBURG, 1986, p. 152).

A análise da notícia fundamentou - se em quatro artigos de Benveniste (1989/1995) que tratam da “subjetividade na linguagem” (1958/1995), da “natureza dos pronomes” (1966/1995), do “aparelho formal da enunciação” (1970/1989) e da “linguagem e a experiência humana” (1965/1989).

O objeto do nosso estudo está centrado na *enunciação*, o que implica dizer que nosso foco de análise está no *efeito de sentido* das palavras e que o *corpus* é um elemento material que traz manifestações linguísticas, das quais foram analisados *fatos linguísticos*. Dessa forma, focaremos não o texto do enunciado (notícia), mas a maneira como foi escrito, ou seja, sua enunciação.

Nesse estudo, buscamos através de uma série de *pistas linguísticas* (marcas linguísticas que remetem à categoria de pessoa):

a) identificar a instauração da subjetividade e intersubjetividade, evidenciando as manifestações do sujeito (*eu*), a sua inter- relação com o alocutário (*tu*), a presença da terceira pessoa (*e/le*) como um recurso linguístico que causa efeitos de sentido de objetividade no discurso; b) pretendemos evidenciar, que no gênero notícia analisado, o

enunciador ao se apropriar da *língua*, transformando-a em discurso, faz emergir os índices de pessoa (a relação *eu* e *tu*) e a não-pessoa (*ele*).

Com o objetivo de melhor estruturar nossas observações do gênero notícia ora em análise, caracterizado pelas marcas linguísticas relacionadas com a categoria de pessoa estabelecemos uma segmentação que obedece ao seguinte percurso:

a) em primeiro momento, selecionamos as “marcas visíveis” comprobatórias da presença da categoria de pessoa (*eu/tu*);

b) posteriormente, analisamos a categoria de pessoa *eu/tu*, a fim evidenciar a subjetividade (inserção do sujeito no ato enunciativo) e a intersubjetividade como fator constitutivo do ato de linguagem;

d) por último, selecionamos as “marcas linguísticas” comprobatórias da presença da não-pessoa no enunciado. Assim, analisamos a manifestação da terceira pessoa (*ele*), mostrando sua particularidade de causar efeitos de sentido de objetividade;

A próxima seção apresenta a análise enunciativa da notícia, conforme procedimentos metodológicos aqui descritos.

#### 4. ANÁLISE ENUNCIATIVA DA NOTÍCIA

**Justiça** | 14/06/2010 | 03h24min – Zero Hora

**Professores também são alvo de bullying**

**Alunos se unem para agredir e constranger docentes pela internet**

Juliana Bublitz e Livia Meimes | [juliana.bublitz@zerohora.com](mailto:juliana.bublitz@zerohora.com) [livia.meimes@zerohora.com](mailto:livia.meimes@zerohora.com)

A professora de Educação Física Etiene Selbach Silveira, 42 anos, mal conhecia o Orkut quando foi apresentada ao site de relacionamentos, há cinco anos, da pior forma possível. Soube por amigas, entre uma aula e outra, que alunas haviam criado uma comunidade virtual recheada de comentários maldosos e humilhantes, intitulada “Eu odeio Etiene”. A frustração foi tanta que a educadora abandonou a profissão e decidiu nunca mais voltar a lecionar. Etiene não tem dúvidas: foi vítima de cyberbullying, a prática repetitiva de agressões psicológicas via internet. Algo que acreditava acontecer apenas entre adolescentes e que, assim como o bullying, ganhou espaço na mídia como um problema estudantil.

– O que eu vivi, não desejo para ninguém. Sempre me dei bem com meus alunos. Foi um choque saber o que aquele grupinho estava fazendo – conta Etiene.  
[...]

– Depois de muita insistência, chamaram os pais de uma das meninas e falaram com ela. A comunidade foi fechada, mas eu não tive mais sossego. Dois meses depois, fui demitida sem nenhuma explicação – desabafa Etiene, que prefere também não revelar o conteúdo dos ataques [...].

– O problema é que os alunos, muitas vezes, são vistos como clientes e acham que podem tudo – avalia a diretora sindical.

O gênero notícia, pertence à ordem do *informar*, pois narra fatos vinculados à realidade. A linguagem jornalística apresenta características próprias que determinam as relações do enunciador (jornalista produtor dos enunciados) com o alocutário (*tu/leitor do jornal*) e com a enunciação. Essa relação estabelecida entre o enunciador e a enunciação é restringida pelas regras que compõem a escrita do fazer jornalístico, ou seja, ao enunciar o conteúdo da notícia (através da escrita) o locutor precisa ser o mais “objetivo” possível para dar credibilidade e veracidade às informações, sem que para isso haja um “comprometimento” do enunciador com relação aos fatos descritos na notícia.

Uma das primeiras observações em relação a essa produção do gênero textual – notícia – é quanto à instauração da subjetividade na instância discursiva. A manifestação do *eu* no discurso destaca-se, primeiramente, na frase entre aspas “*Eu odeio a Etiene*”. Temos aqui uma marca de subjetividade através de um discurso agressivo emitido por alunas da docente, que, durante o relato (escrito) do jornalista produtor dos enunciados, estão no lugar do *ele* na situação de enunciação, pois essas alunas são as pessoas de quem se fala, e por isso, não participam da instância de discurso.

No segundo parágrafo do texto, verificamos a mudança na enunciação, ou seja, a pessoa *ele*, torna-se *eu* pelo processo de tomada da palavra, que nesse caso, aparece em forma de discurso direto. Podemos exemplificar com o seguinte trecho: “*O que eu vivi, não desejo para ninguém. Sempre me dei bem com meus alunos. Foi um choque saber o que aquele grupinho estava fazendo*”.

Nesse fragmento, marcado pela inserção de um sujeito no discurso, percebemos a marca de subjetividade (passagem de locutor a sujeito), na qual a professora Etiene é dona do próprio dizer. No entanto, o registro escrito dos fatos, continua sendo do jornalista.

Outra marca de subjetividade a ser analisada está no fragmento: “*- Depois de muita insistência, chamaram os pais de uma das meninas e falaram com ela. A comunidade foi fechada, mas eu não tive mais sossego. Dois meses depois, fui demitida sem nenhuma explicação*”.

Ao transcrever diretamente a fala da professora, no enunciado da notícia, o enunciador causa um efeito de veracidade, dando a impressão de que aquele discurso está sendo proferido naquele exato momento. Por isso, a subjetividade é marcada pela passagem do locutor a sujeito e essa é mostrada na língua mediante marcas específicas que pertencem ao campo da categoria de pessoa. A subjetividade de que tratamos aqui é a capacidade do locutor de se propor como sujeito em determinadas instâncias discursivas. Essa manifestação do sujeito, além de causar um efeito de sentido de verdade no texto, deixa evidente que o gênero notícia não é marcado predominantemente pelo caráter objetivo da linguagem, pois estamos falando de efeitos de sentido de objetividade através do uso de estratégias enunciativas.

Verificamos a presença da terceira pessoa do discurso, no início do texto quando o enunciador (jornalista) fala a respeito de “alguém”, representado pela professora Etiene, que foi alvo de humilhações via Internet. Conforme o fragmento: “*A professora de Educação Física Etiene Selbach Silveira, 42 anos, mal conhecia o Orkut quando foi apresentada ao site de relacionamentos, há cinco anos, da pior forma possível...*”.

No caso desse estudo, podemos dizer que o *tu* está implícito porque não participa ativamente dos fatos enunciados na notícia, e sim, é constituído de todos os leitores do Jornal, objeto material dessa análise. Por isso, podemos evidenciar que a intersubjetividade é constitutiva da enunciação, ou seja, a noção de pessoa implica uma constituição recíproca: o ato pelo qual “*eu*” se constitui como sujeito, instaura um “*tu*”, ou seja, ambos estão mutuamente implicados através das relações de intersubjetividade, a qual Benveniste (1958) ressalta como tendo a particularidade de tornar possível a comunicação linguística.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quanto à inserção do eu no discurso, foi possível observar que a notícia compõe-se de situações enunciativas reveladoras do grau de subjetividade no texto, o qual, de alguma forma, sempre se faz presente, devido ao uso que o locutor faz da língua em diferentes discursos.

Em relação à análise da notícia jornalística, foi possível comprovar que nessa produção discursiva os locutores (enunciadores/aqueles que produzem o discurso) e os seus receptores (alocutários) não se relacionam num processo comunicativo face a face, e sim, pela inter - relação constitutiva da enunciação que pressupõe o *eu* e o *tu* mutuamente implicados.

Acreditamos que esse trabalho contribuirá com os estudos enunciativos na perspectiva de Benveniste, voltados para a leitura e análise do gênero notícia. Tal proposta poderá estimular uma ampla reflexão sobre as contribuições da Teoria da Enunciação, mais especificamente as categorias de pessoa e de tempo, o conceito de subjetividade e intersubjetividade, na elaboração de procedimentos de análises que poderão ser incorporados a estudos de diferentes gêneros textuais. Além disso, os futuros professores de língua materna poderiam incorporar em seus estudos essas noções de pessoas do discurso, bem como as situações discursivas que envolvem o uso dessa categoria enunciativa.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, é possível com a análise do *corpus*, afirmar que o gênero notícia apresenta marcas constantes de subjetividade através da inserção da voz do *eu* na instância de discurso. Esse caráter subjetivo no gênero pesquisado se deve ao uso das pessoas do discurso, mais precisamente pela presença da pessoa subjetiva e a não subjetiva durante o processo enunciativo, mesmo implicitamente.

É importante destacar que a intersubjetividade se marca intensamente nesse gênero textual, uma vez que o *eu* sempre constituirá seu discurso em função de um *tu* na medida em que a intersubjetividade é constitutiva da enunciação.

Podemos afirmar que o discurso notícia não revela apenas um caráter objetivo da linguagem, mas efeitos de sentido de objetividade causados pelas escolhas discursivas dos enunciadores, como por exemplo, o uso da terceira pessoa do discurso (*não – pessoa ele*), recurso linguístico capaz de neutralizar a presença do *homem na língua*.

O texto notícia compõe-se a partir de estratégias enunciativas reveladoras do grau de subjetividade no texto, o qual, de alguma forma, sempre se faz presente. Afirmamos isso porque, de acordo com Benveniste (1958/1995), a enunciação está na língua, atravessando - a, ou seja, o uso que o sujeito faz da língua em situações de comunicações já é capaz de revelar sua inserção no discurso, mesmo quando este está marcado pela não presença do *eu*. Não ousamos falar em ausência, porque o sujeito, segundo o autor, está na língua o tempo todo, pois faz escolhas paradigmáticas a partir da estrutura linguística que lhe é disponibilizada pelo sistema.

Através das manifestações discursivas da categoria de pessoa, podemos afirmar que a intersubjetividade se marca intensamente no texto notícia, uma vez que um *eu* sempre constituirá seu discurso em função de um *tu*. Dessa forma, o discurso jornalístico revelado nas notícias analisadas constitui-se de uma clara relação marcada pela não - pessoa, no intuito de produzir efeitos de objetividade e imparcialidade sobre o leitor, entendido aqui como o *tu* do ato enunciativo, apesar de não aparecer marcado explicitamente no discurso. Trata - se de uma intersubjetividade constitutiva da enunciação.

Concluimos esta investigação com o propósito de, em estudos posteriores, darmos sequência à abordagem aqui iniciada na certeza de que a Teoria da Enunciação abre um novo olhar para a língua e o discurso.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENVENISTE, Emile. 1958. Da subjetividade na linguagem. In:\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995a, p. 284-293.

\_\_\_\_\_. 1965. A linguagem e a experiência humana. In:\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989, p. 68-80.

\_\_\_\_\_. 1966. A natureza dos pronomes. In:\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995b, p. 277-283.

\_\_\_\_\_. 1970. O aparelho formal da enunciação. In:\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989, p. 81-90.

BUBLITZ, Juliana; MEIMES, Lívia. *Justiça - Professores também são alvo de bullying*. Disponível em: <<http://www.zerohora.clicrbs.com.br>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1986.

KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P., MACHADO, Anna R., BEZERRA, Maria A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C; *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.